

---

## *O imaginário social na sociologia brasileira contemporânea (1984-1993)*

VERLINDO, Jorge Augusto Silveira. Caxias do Sul: Educus, 2004. 129 p.

*Francisco Xavier Freire Rodrigues\**

---

Em uma época marcada pelas repetições, revisões e falta de originalidade nas ciências sociais brasileiras, surge *O imaginário social*, um inovador e instigante trabalho de Jorge Augusto Verlindo (2004), publicado pela Educus. O livro *O imaginário social* vem suprir uma lacuna encontrada na literatura acerca das transformações teórico-metodológicas pelas quais passa a sociologia brasileira, especificamente no que diz respeito ao advento do imaginário social como objeto de estudo da sociologia. É sabido que temos uma abundante bibliografia sobre a formação e o desenvolvimento da sociologia no Brasil. No entanto, desconhecemos trabalhos da envergadura e profundidade do texto de Verlindo, preocupado em desvendar o processo de construção de uma sociologia do imaginário.

*O imaginário social* oferece ao leitor não somente um extenso panorama sobre a produção sociológica brasileira contemporânea, como também uma análise das raízes da sociologia da cultura no Brasil, mostrando temas e autores principais desde os seus primórdios até 1993. Verlindo não se limita a listar temas e autores. Pelo contrário, analisa, acuradamente, as obras mais representativas de cada período histórico em que se divide a história da sociologia brasileira.

Na América Latina, a teoria da modernização praticamente dominou a sociologia no século XX. Com a crise da teoria da modernização e dos projetos políticos de modernização nas últimas décadas daquele século, a sociologia se volta para novos temas, passando por uma crise de paradigmas. A teoria da modernização não dava conta da questão da cultura. Ocorreu

---

\* Sociólogo, Mestre e Doutorando em Sociologia pela UFRGS. Professor no Departamento de Sociologia da UCS. E-mail: fxfrodi@ucs.br

“um descrédito de temas político-econômicos que até então a sociologia vinha estudando. Essa situação de crise é consequência e um ciclo da sociologia latino-americana que, iniciado no pós-guerra, chega, agora, ao seu fim”. (VERLINDO, 2004, p. 40).

Com a implantação do sistema democrático no Brasil, a sociologia assistiu ao deslocamento de temáticas. Os estudos acerca da dependência da primeira metade dos anos 70 são parcialmente substituídos por estudos relativos à reativação da sociedade civil, movimentos sociais e redemocratização, na segunda metade da mesma década. (LIEDKE FILHO, 2003). A sociologia brasileira, nos últimos anos, se direcionou para o estudo do imaginário da vida social, em decorrência da crise dos grandes modelos de interpretação totalizantes, como: marxismo, positivismo, estruturalismo e funcionalismo.

Resultado de um longo trabalho de pesquisa acerca da produção sociológica brasileira, *O imaginário social*, livro de Jorge Augusto Verlindo (2004) procura explicar o avanço dos estudos do imaginário social no Brasil a partir da tradição culturalista que teve a nossa sociologia, bem como pela influência das sociologias norte-americana e européia. De fato, as tradições culturais parecem apontar para estudos antipositivistas e antideterministas.

O campo das ciências sociais foi alvo de debates acerca da chamada crise das ciências sociais nos anos 80 e 90 e de questionamentos sobre a crise de determinados paradigmas e teorias tradicionais, bem como debates sobre a orientação da recente produção sociológica. Trata-se da tão discutida crise de paradigmas e a emergência de novas perspectivas teóricas, muitas delas caracterizadas pela busca da multidisciplinaridade. As novas abordagens se caracterizam pelo “destaque dado à cultura, mais especificamente, ao imaginário social. A ciência é vista, também, como uma prática social que mobiliza imagens, sentidos, linguagens, significados e que não se refere somente ao campo epistêmico da lógica ou do racionalismo empirista”. (VERLINDO, 2004, p. 9).

A nova produção sociológica tende a abordar temas culturais. Ao investigar criteriosamente o movimento da sociologia brasileira em direção ao imaginário, Verlindo (2004, p. 9) constatou “que o surgimento da Sociologia do Imaginário expressou um retorno a tradições culturalistas, presentes na Sociologia européia e na norte-americana, que valorizavam a interpretação e as idéias dos atores sociais”. Segundo o autor, o processo denominado “guinada cultural” da sociologia brasileira não é completamente novo, pois existe uma herança culturalista nas ciências sociais brasileiras, algo somente retomado a partir da década de 80.

Verlindo (2004) vai além da tese da antropologização da sociologia, elaborada por Maria Valéria Pena (1980). Essa autora chegou a afirmar que a fronteira entre a sociologia e a antropologia era cada vez mais difícil de ser demarcada, pois a sociologia havia se antropologizado, e a antropologia havia invadido o campo da sociologia.

Como todo bom sociólogo, Verlindo não se contenta com informações fáceis, baratas, por isso, para comprovar suas hipóteses, se lança no empreendimento de analisar meticulosamente 23 artigos publicados nas principais revistas de sociologia do País (Tempo Social (11), Revista Brasileira de Ciências Sociais (3), Análise e Conjuntura (3), Dados (2), Ciência e Cultura (2), Estudos Históricos (1) e Estudos Avançados (1). O resultado desse empreendimento é a tese (defendida pelo autor) contrária à hipótese da *antropologização da sociologia brasileira*, pois identifica tradições na própria sociologia européia e na norte-americana que teriam se ocupado do imaginário e de questões culturais. O advento da sociologia do imaginário não é o resultado da invasão da antropologia na produção sociológica, pois, como afirma Verlindo (2004, p. 14),

a denominada “antropologização” da Sociologia brasileira, ocorrida entre os anos de 80 e 90, é a expressão nacional de uma tendência mundial da Sociologia de valorizar a epistemologia interpretativa/fenomenológica (ou hermenêutica), cujas raízes encontram-se no romantismo (LÖWY; SAYRE, 1993) e no fisiocentrismo europeus. (LOPARIC, 1990). Seria uma excessiva simplificação dizer que a Sociologia, ao abordar “novos objetos” – como o imaginário e o cotidiano – tivesse sofrido uma “antropologização”. Na verdade, a Sociologia resgatou uma antiga tradição que faz parte da própria disciplina, mas que esteve marginalizada pelo predomínio das correntes macroestruturais positivistas e deterministas.

O leitor avisado poderia muito bem indagar se teria sido o chamado *novo movimento teórico* que trouxe a cultura para o debate sociológico? Com base em Giddens, Alexander, Domingues, Joas e Verlindo, pode-se afirmar que sim. Segundo Alexander, o conceito de cultura permitiu a aproximação entre os pólos opostos: ação e estrutura, objetivismo e subjetivismo, modificando a teoria social contemporânea. Conforme Verlindo (2004, p. 12),

a partir desse ‘novo movimento teórico’, a Sociologia resgata o imaginário e o sentido da ação social e se torna, cada vez mais, cultural mesmo quando não aborda diretamente temas do campo cultural. Saímos de uma situação em que a cultura não era um dos temas favoritos para uma situação em que tudo é cultura.

*O imaginário social* divide-se em duas grandes partes: a primeira discute as origens de dois grandes paradigmas sociológicos dominantes desde o final do século XIX “o que privilegiava aspectos estruturalistas da realidade social e o que privilegiava a compreensão das intenções dos indivíduos em suas relações sociais”. (p. 10).

A primeira parte do livro *As sociologias interpretistas e os contextos nacional e internacional da teoria social* divide-se em dois capítulos: o Capítulo 1 “A polarização na Ciência Social: naturalismo positivista versus culturalismo interpretista” apresenta um mapa da teoria social, apontando os paradigmas dominantes em cada momento histórico. Verlindo (2004) expõe com propriedade a polarização entre dois grandes paradigmas sociológicos dominantes em boa parte do século XX: o paradigma naturalista-positivista (positivismo) e o paradigma fenomenológico-hermenêutico (culturalista/interpretista).

Pode-se considerar que a exaustivamente discutida crise de paradigmas na sociologia contemporânea nada mais é do que a crise do estrutural-funcionalismo e do marxismo (paradigmas dominantes no século XX) e a emergência de abordagens culturalistas. É nesse sentido que a sociologia se volta para o cotidiano, os valores culturais e o imaginário social.

O Capítulo 2 “A Sociologia da Cultura no Brasil” apresenta, de forma genérica, a produção sociológica brasileira de 1830 a 1940, apontando as fases históricas e as principais obras. O autor analisa textos que adotaram a perspectiva culturalista. Utiliza como orientação inicial a periodização do desenvolvimento da sociologia no Brasil elaborada por Antônio Cândido: (1) fase de formação (1880-1930); (2) fase de transição (década de 30); e fase de institucionalização (a partir da década de 40). A preocupação do autor é destacar como os temas culturais foram estudados em cada uma dessas fases. Na primeira fase, os principais representantes dos estudos culturais são Sílvio Romero, Nina Rodrigues e Euclides da Cunha. Esses pensadores estudaram a identidade nacional, as culturas popular e nacional, o folclore, a religião, a questão étnica, as tradições africanas e a literatura, todos influenciados por perspectivas epistemológicas positivistas e deterministas. Na segunda fase, o autor mais importante no enfoque culturalista é Gilberto Freyre. O autor de *Casa grande & senzala* trata da questão racial sob o enfoque culturalista, substituindo o determinismo racial/geográfico pelo determinismo cultural. Trata-se de uma valorização do elemento nacional como resultado da mistura das três raças: índio, negro e branco. Finalmente, na terceira fase, os autores analisados são Roger Bastide, Fernando de Azevedo e Antônio Cândido.

Na segunda parte do livro, cujo título é “A produção sociológica brasileira contemporânea (de 1984 a 1993)”, Verlindo apresenta um conjunto de estudos sobre o imaginário social que se funda em distintas perspectivas teórico-metodológicas. Essa parte está dividida em cinco capítulos: no Capítulo 1 “Imaginário social e dominação: palavras e coisas sem sujeito – a presença de Foucault na sociologia brasileira”, Verlindo constata que os sociólogos brasileiros utilizaram a teoria de Foucault para estudar mecanismos inconscientes e sem sujeitos, entendendo o imaginário como um mecanismo de dominação. A sociedade moderna é uma sociedade disciplinar ao invés de emancipadora. A razão seria utilizada para garantir a sujeição dos indivíduos; no Capítulo 2 “Imaginário social e interpretação: a sociologia dos modos de vida e do cotidiano”, o autor trata do imaginário como interpretação. Analisa autores da sociologia brasileira que abandonaram explicações estruturais e totalizantes para investigar o cotidiano e os modos de vida, particularmente questões ligadas aos modos de vida das classes trabalhadoras, sociabilidade e cidadania. Os estudos examinados enfocam “as interpretações produzidas pelos atores sociais acerca das estruturas que os dominam (cuja existência eles não têm consciência) ou de determinados atores sobre outros, visando excluí-los dos cenários social e político”. (VERLINDO, 2004, p. 78). Esses estudiosos admitem que a realidade social existe e é objetiva, porém é representada de maneiras diferentes pelos atores sociais, de acordo com suas interpretações. É nesse sentido que os estudos sobre as representações sociais ganham importância.

No Capítulo 3 “Imaginário social e criação: a sociologia e as linguagens instituidoras do mundo – estudos etnometodológicos”, o autor analisa estudos que abordam o imaginário como espaço de criação e construção da realidade. São artigos que convergem ao fato de que a linguagem é criadora da realidade, que é múltipla, uma concepção própria da etnometodologia. “São os atores sociais que, no processo de interação, criam a realidade com o recurso de mecanismos e regras lingüísticas. Os fatos só existem quando categorizados (classificados) como tais”. (VERLINDO, 2004, p. 92-93).

No Capítulo 4 “Imaginário social e distinção: estudos sobre as distinções simbólicas”, o autor analisa artigos que abordam o imaginário como mecanismo de distinção simbólica, orientados pela teoria de Bourdieu. São estudos que enfocam as formas de distinção social a partir das relações sociais travadas no mundo do trabalho. Tais distinções podem ser viabilizadas “nas diferentes representações quanto ao saber técnico e à qualificação profissional e/ou nas representações sobre gênero para justificar/legitimar as diferenças. [...] Há formas simbólicas de traçar diferenças e, nesse caso, o imaginário dá origem às distinções”. (VERLINDO, 2004, p. 101).

O Capítulo 5 “Imaginário e simbolização: investigações sobre festas e mitos”, trata do imaginário a partir dos símbolos que evoca. Mostra de que forma o imaginário é concebido como simbolização, algo que possibilita a leitura da realidade a partir do imaginário dos atores sociais. Nesse processo, desempenham papéis fundamentais: as festas, os símbolos, as imagens, os rituais na representação social da realidade.

O livro de Verlindo (2004) é instigante, pois nos leva a verificar a importância que os temas da cultura assumem atualmente. O leitor pode se utilizar desse livro como base para futuras pesquisas nas áreas do pensamento social, da sociologia do conhecimento, da sociologia da sociologia e da sociologia da cultura. É uma leitura imprescindível para indivíduos especialmente interessados em conhecer as transformações teórico-metodológicas em curso na produção sociológica brasileira.

## Referências

---

LIEDKE FILHO, E. D. Sociologia brasileira: tendências institucionais e epistemológico-teórico-contemporâneas. *Sociologias*, Porto Alegre, ano 5, n. 9, jan./jun. 2003.

PENA, M. V. J. Uma nova sociologia? *Dados*, Rio de Janeiro, v. 23, n. 1, 1980.